

“Bar Brazil”: Uma análise das edições do jornal estudantil de Juiz de Fora¹

Susana Azevedo REIS²

Christina Ferraz MUSSE³

Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

Resumo

Este artigo tem como objetivo destacar o jornal “Bar Brazil”, de Juiz de Fora, no cenário alternativo e estudantil da década de 1970, buscando características que comprovem que se trata de um impresso de resistência à ditadura militar, que se utilizou de poemas, críticas, matérias, crônicas, contos e ilustrações para se manter contra o governo, durante o período de gradual abertura política brasileira. Buscaremos o histórico do jornal, as principais temáticas destacadas em suas edições e quais os gêneros textuais mais frequentes nas publicações, através da pesquisa em arquivo, entrevistas em profundidade com os personagens importantes que se relacionaram de alguma maneira com o “Bar Brazil” e do método de Análise de Conteúdo instruído por Laurence Bardin.

Palavras-chave: “Bar Brazil”; imprensa alternativa; cultura; movimento estudantil; ditadura

Introdução

A imprensa alternativa foi um dos mais significativos meios pela qual poetas, escritores, artistas, jornalistas e intelectuais se expressaram das décadas de 1960 a 1980. A censura estabelecida pela ditadura militar estava cada vez mais atenta aos grandes jornais, e o jornalismo alternativo apareceu como uma nova forma de críticas ao governo, pois buscava sempre driblar a censura a fim de expressar suas opiniões de oposição e denunciar as ilegalidades que ocorriam em relação aos direitos humanos.

Jornais alternativos como “O Pasquim”, “Opinião” e “Movimento” circularam por todo o Brasil e ganharam visibilidade por sua criatividade e qualidade. Grandes nomes do jornalismo e da arte brasileira foram colaboradores desses jornais. Por todo o Brasil, foram cerca de 150 publicações entre 1964 a 1980, que possuíam características da imprensa

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de graduação do 7º período de Jornalismo na Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista de iniciação científica UFJF e membro do grupo de pesquisa Comunicação, Cidade, Memória e Cultura. Email: susana.reis360@gmail.com

³ Orientadora do Artigo. Jornalista, mestre e doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Professora da UFJF no curso de Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Coordenadora do projeto “Memórias da Imprensa de Juiz de Fora” e do grupo de pesquisa Comunicação, Cidade, Memória e Cultura. E-mail: musse@terra.com.br

nanica⁴ (PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, 2005). Eram periódicos anarquistas e marxistas, nacionalistas e internacionalistas, católicos e feministas.

Na cidade mineira de Juiz de Fora, localizada a cerca de 270 km de Belo Horizonte, o jornalismo alternativo se estabeleceu através de revistas de arte, poesia e música. O “Folheto Abre Alas”, o jornal “Bar Brazil” e a revista “D’Lira” são exemplos de como a cultura alternativa foi efervescente na cidade nas décadas de 1970 e 1980.

Neste artigo, buscaremos evidenciar as características do jornalismo alternativo na década de 1970, e analisar o “Bar Brazil”, através do método de Análise de Conteúdo disseminado por Laurence Bardin.

A imprensa alternativa como forma de resistência

A imprensa alternativa ganhou destaque no cenário midiático brasileiro no período da ditadura militar, que permaneceu no poder de 1964 a 1985. Esses jornais e revistas se diferenciavam da imprensa tradicional por buscarem noticiar e discutir assuntos mais ideológicos e polêmicos. Fundados em sua maioria por simpatizantes da esquerda, esses impressos desejavam mudanças sociais e criticavam o governo no poder de maneira intensa. (KUCINCKI, 2003)

Essa imprensa alternativa dos anos 1970 acabou tendo como função social a criação de um espaço público reflexivo e contra hegemônico. O jornalista Márcio Bueno divide a imprensa alternativa em três grandes fases: a primeira, de 1968 a 1973, tem como característica o “milagre econômico” pelo qual o país estava passando e a repressão política; já a segunda fase, de 1974 a 1979, é a fase na qual a imprensa alternativa se expande bastante, pois o governo está começando a se abrir politicamente; a terceira fase, por volta de 1980, é quando a censura prévia deixa de existir e os exilados retornam ao país. (BUENO apud PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, 2005)

Durante o triênio de 1975 a 1977, em seu apogeu, essa imprensa adquiriu um padrão dominante, com uma circulação de oito grandes impressos, que somavam até 160 mil exemplares por semana. Na mesma época, mais de duas dezenas de jornais menores, com temáticas mais regionais e específicas, também circulavam pelo Brasil. (KUCINSKI, 2003, p. 21). Observamos que a imprensa alternativa utilizou-se muito da linguagem literária para expressar seu descontentamento com o regime e para fazer críticas ao governo. O jornal

⁴ A imprensa alternativa era também chamada de “nanica”, pois a maioria de seus jornais eram pequenos, em formato tablóide.

“Bar Brazil”, que será analisado neste trabalho, se caracterizou como um jornal crítico, que construiu suas discussões a partir de poemas, obras literárias e matérias jornalísticas.

Composta de jornais e revistas que, mesmo unidos pela luta contra a ditadura, possuíam diferenciais, essa imprensa se mostra diversificada e heterogênea em gêneros e formatos. Diante da variedade de gêneros, Kucinski divide a imprensa alternativa em duas linhas: a política, com raízes no ufanismo brasileiro, nas ideias de valorização do nacional, influenciada pelos jornais populares de 1950 e pelo ideal marxista vulgar do meio estudantil dos anos 1960; e a linha de jornais influenciados pelo movimento de contracultura norte americano⁵ e, conseqüentemente, pelo anarquismo e pela ideologia existencialista de Jean Paul Sartre⁶. Esses jornais eram mais voltados à “crítica de costumes e a ruptura cultural, investiam principalmente contra o autoritarismo na esfera dos costumes e moralismo hipócrita da classe média.” (KUCINSKI, 2003, p.15).

Bernardo Kucinski e Heloísa Buarque de Hollanda afirmam que a imprensa alternativa dos anos 1970 foi o fruto da união de duas gerações superpostas: a daqueles que não conseguiram ter voz a partir de 1964; e a dos estudantes e dos jovens precursores do jornalismo moderno que surgiu a partir de 1970, como comenta Hollanda, quando descreve a produção cultural e jornalística dos anos 1970:

Uma produção que irá trazer a presença de duas gerações: a primeira, poderíamos identificá-la por sua participação nos debates que marcaram o processo cultural a partir da segunda metade dos anos 60, ainda que não date deste período sua presença efetiva na cena literária. Uma geração que estava de certa forma latente, recusando os pressupostos do engajamento populista e vanguardista e mais exposta a influência pós tropicalista, sem contudo identificar-se como tendência. A segunda geração que notamos já não tem sua formação marcada pelos limites dos debates dos anos 60: trata-se de uma geração que começa a tomar contato com a produção cultural e a produzir no clima político dos anos 70, quando a universidade em de resto, o processo cultural apresentavam condições bastante diversas daquelas que marcaram a década anterior. (HOLLANDA, 2004, p.99)

Outro meio dos intelectuais se expressarem era através da literatura. A importância da literatura para a cultura da época se estabelece na facilidade das obras literárias em transmitir novas linguagens e valores, como destaca Hollanda: “Nesse exato momento, em que a práxis cultural empenha-se basicamente na mobilização de um público, a literatura como tal evidencia uma falha tática e permite uma evasão de valores novos para outras

⁵ A contracultura norte-americana se caracterizou como um movimento das décadas de 1960 e 1970, que buscava com o rompimento e a aversão de tabus e valores tradicionais da sociedade.

⁶ O existencialismo é uma corrente de pensamento que prega, em linhas gerais, que o homem transcenda existencialmente, ou seja, que ultrapasse as influências e as dependências impostas pela sociedade, passando a existir individualmente.

linguagens” (HOLLANDA, 2004, p. 40). Ou seja, como nada poderia ser expresso de maneira objetiva e livre, a contestação era veiculada através de metáforas da literatura. Os valores que antigamente eram noticiadas em colunas de jornais e notícias de rádio e televisão, agora poderiam ser transmitidos implicitamente através da literatura, música e das artes em geral.

A imprensa alternativa estudantil

Dentre as inúmeras publicações alternativas que surgiram entre as décadas de 1970 e 1980, podemos encontrar aquelas que foram produzidas por estudantes e universitários, através de grêmios estudantis, diretórios centrais e acadêmicos, centros de estudo, centros de cultura, etc. Através do Catálogo da Imprensa Alternativa, divulgada pelo Arquivo da cidade do Rio de Janeiro, conseguimos mapear cerca de 65 jornais alternativos que estabeleceram algum vínculo com o movimento estudantil.

Esses jornais e revistas, em sua maioria, tratavam de temas políticos e culturais como forma de resistência, buscando organizar ideias que ainda não poderiam ser expressas abertamente. Essa troca de informações entre os estudantes promoveram, segundo Mirza Pellicciotta, um grande número de publicações, que foram confeccionados conforme os diretórios e grupos adquiriram recursos financeiros e acesso aos mimeógrafos e gráficas. Além disso, aqueles que não tinham o próprio modo de impressão, recorriam a gráficas de outras cidades e estados. (PELLICCIOTTA, 1997, p.182)

A pesquisadora Angelica Müller acredita que as publicações estudantis da década de 1970 foram impressos laboratoriais para novas formas de linguagem e formatos gráficos. Os estudantes possuíam a liberdade de experimentar novas técnicas e utilizar a criatividade. Ela destaca também as capas dos jornais, que “costumavam trazer desenhos, caricaturas que evidenciavam o conteúdo crítico ao regime” (MÜLLER, 2010, p.11). Esses jornais e revistas eram uma forma dos estudantes tentarem se organizar politicamente

...jornais, murais, cartazes e panfletos refletiam a própria estrutura que estava ao alcance das entidades e grupos políticos, como também as dificuldades de organização e de articulação junto com a “massa” dos estudantes. A periodicidade incerta (que algumas vezes chegava a um único número), a falta de recursos, o teor político que variou conforme o grupo atesta a questão. (MÜLLER, 2010, p.10)

A maioria dos jornais estudantis dedicava-se a publicar programações culturais, informes universitários e oferecia um ambiente de debate para a comunidade acadêmica,

dando espaço às críticas sociais, políticas e culturais. O jornal aparece como uma forma de resistência e engajamento político, contra as opressões do governo:

A circulação das informações e idéias de um grupo contidas nos jornais pode ser encarada como maneira de sobrevivência dentro de um regime autoritário, e também se apresenta como mais uma alternativa para mostrar uma resistência. Através dos próprios jornais podemos verificar as dificuldades de engajamento de estudantes bem como o incentivo a atividade “jornalística” e as atividades em geral propostas pelos centros acadêmicos e/ou grupos. (MÜLLER, 2010, p.13)

Müller completa ao afirmar que esses impressos permitiram que se unissem vários grupos que possuíam o mesmo objetivo, o de denunciar e acabar com a ditadura militar, pois a “construção de um jornal visa, no momento aqui estudado, criar um pólo para unir os colegas (mesmo que seja em torno ‘dos seus problemas comuns’ como disse um jornal universitário), se propondo a levar aos estudantes subsídios” (MÜLLER, 2010, p.17).

“Bar Brazil” no contexto cultural e estudantil dos anos 1970

O município de Juiz de Fora, em Minas Gerais, é marcado pela efervescência cultural. Na década de 1960, o movimento cultural da cidade se estabelecia principalmente por causa da Universidade Federal de Juiz de Fora, citada por Christina Musse como o “polo atrator e difusor de cultura” (MUSSE, 2008, p.143). Porém o golpe militar de 1964 acabou por desarticular o movimento estudantil existente naquela época e promoveu a separação de uma geração de estudantes interessados na cultura e atuantes na esfera política. O movimento estudantil perdeu forças, mas ainda resistiu 1968 até, quando o AI-5 foi decretado e os estudantes não tiveram mais como continuar suas manifestações. Sem poder se reunir na universidade, os estudantes começaram a procurar lugares para conversar e debater política e iniciar novos centros culturais como o Centro de Estudos Cinematográficos, a livraria Sagarana, a Galeria de Arte Celina, entre outros.⁷

Deste modo, o movimento estudantil volta a aparecer no cenário juiz-forano e nacional a partir da segunda metade da década de 1970, quando o presidente Ernesto Geisel chega a presidência, em 1974, e anuncia a abertura política lenta, gradual e segura. A oposição política começa a ganhar espaço e ocorre forte impulso dos movimentos sociais e de oposição. Segundo a historiadora Gislene Lacerda, os novos movimentos sociais

⁷ A proposta do CEC era ser uma entidade com fins culturais, relacionadas com o estudo do cinema. O Centro ficou ativo de 1957 a 1972. A Livraria Sagarana foi aberta em 1967, no centro da cidade, e dispunha de um acervo ricamente variado e atualizado, fechado posteriormente pela ditadura. A Galeria de Arte Celina foi inaugurada em 1965 com o objetivo de ser um espaço destinado a exposições de arte. Já a rua Halfeld é a principal rua da cidade, local de grande circuito cultural na época.

“evidenciaram o povo, colocando-o como protagonista e voltando sua atuação para as massas e lutando de forma unificada pelo retorno da democracia no país.” (LACERDA, 2010, p.49).

Em 1974, os diretórios acadêmicos e o diretório central dos estudantes (DCE) da UFJF foram reabertos⁸ e as eleições se iniciaram. Neste ano o movimento cultural foi intenso. O estudante José Antônio da Silva Marques foi presidente, sendo sucedido por Ivan Barbosa. Diversas iniciativas culturais foram iniciadas, como a publicação da revista “Nossas Palavras”. A revista tinha como objetivo colocar em debate e discutir os problemas culturais da universidade. Com a publicação, iniciou-se o movimento cultural da UFJF, que contou com apresentações musicais, teatrais, o incentivo à cultura, e a publicação de impressos. (LACERDA, 2010)

Nesta mesma gestão de Ivan Barbosa foi criado um Centro de Cultura, dentro do DCE. O centro durou até 1976, sendo que teve como diretores Gilvan Procópio e, depois, Tatau Delgado. O centro funcionava na galeria Pio X, 2º andar⁹, e era composto um auditório, onde haviam cerca de 120 cadeiras móveis, teatro de arena, palco, tela cinematográfica, e outros equipamentos. “O centro era coordenado por um departamento de cultura subdividido em teatro, música, cinema, literatura e artes plásticas” (LACERDA, 2010, p. 217). Nesta mesma gestão, em 1974, o DCE também conseguiu uma gráfica.

... a gráfica auxiliou, não apenas o movimento estudantil, mas também outros movimentos, como meio de “produzir democracia”. Percebe-se que o volume de materiais produzidos pelo DCE entre folhetos, panfletos, jornais e etc., só foram possíveis devido a aquisição dessa gráfica, que reduziu custos de impressão de material, colaborando na divulgação de ideias e propostas. (LACERDA, 2010, p.160)

O movimento de literatura e jornalismo alternativo em Juiz de Fora se iniciou nos anos 1970, com o envolvimento do professor Gilvan Procópio, que lecionava no colégio particular de ensino médio, “Magister”, e na Universidade. O “Movimento Poesia” marca o início das revistas e jornais que iriam surgir na universidade. O jornalista Jorge Sanglard conta que Gilvan Procópio foi quem incentivou os estudantes a elaborar as poesias e escrever: “Gilvan era coordenador, como professor de Literatura no Magister e estava estimulando os alunos, não só a ler literatura, mas também a escrever poesia” (SANGLARD, 2014). A partir desse movimento, surgiram mais um folheto, o “Abre Alas”, e duas publicações o “Bar Brazil” e a “D’Lira”.

⁹ Localizado na Rua Halfeld, centro da cidade. Local onde ocorre os principais eventos culturais.

O “Bar Brazil” foi criado para ser um jornal crítico, cultural, literário e político. Nas proposições de Kucinski, podemos defini-lo como um jornal que desejava romper com os costumes da época, que buscava nas noções da contracultura uma nova visão de mundo.

Antes do “Bar Brazil”, a primeira produção do “Movimento Poesia”, foi o folheto “Poesia”, que também era distribuído pela cidade, assim como o jornal. O “Poesia” começou no colégio Magister, sendo mimeografado, mas logo foi abraçado pela gráfica do DCE que produziu 29 números.

A princípio a gente fazia com mimeografo, de uma maneira muito precária, mimeografado com a tinta, ficava rodando aquela manivela. O DCE tinha o *offset* e os folhetos Poesia passaram a ser feitos em *offset*. E esses folhetos eram distribuídos sábado de manhã e no som aberto (PROCÓPIO, 2014).

Depois do folheto “Poesia”, o “Bar Brazil” começou a ser produzido, entre 1976 e 1977. Foram três publicações, que reuniram artigos, ilustrações, matérias, entrevistas e poemas. O ambiente onde o jornal nasce é completamente poético e marginal. Estudante na época, e atual secretário de desenvolvimento social da Prefeitura de Juiz de Fora, Flávio Cheker, comenta como a poesia foi essencial para a criação do “Bar Brazil”:

As pessoas produziam a poesia, as suas altas voltagens líricas, sem estarem minimamente preocupadas que sua arte fosse panfletaria ou fosse diretamente calcada no discurso político. O “Bar Brazil” surge um pouco nesse entendimento. Por que, se você olhar bem, ele não é uma publicação panfletária, mas ele tem um rosto, ele diz para que ele veio através de suas produções: poemas, outros textos Ou seja, ele sintetiza a luta política e a autonomia da arte. (CHEKER, 2014).

Gilvan Procópio foi um dos principais colaboradores do “Bar Brazil” e do movimento literário. Ao escrever o prefácio do livro “Poesia em movimento”, que seleciona os principais poemas que foram publicados pelos movimentos estudantis na época, resume como foi a criação do jornal:

As dimensões do folheto parecem não conter mais a produção e, num processo de articulação significativo, o DCE (gestão de Ivan Barbosa) cria um Centro de Cultura que deveria ser coordenado por um professor da universidade. Lá fomos nós. A ideia preliminar era fazer uma publicação que mantivesse o vigor do Poesia e que pudesse voar mais rápido. Nasce assim o “Bar Brazil” (com Z de Zorro), revista-jornal que estabelece, durante sua duração (três anos) um diálogo intenso com publicações semelhantes no resto do Brasil. Entrevistas, ensaios, análises, contos, poemas, ilustrações, o jornal repercutiu. (PROCÓPIO, 2002, p.15)

Em entrevista concedida para a pesquisa, Gilvan Procópio também comenta sobre como surgiu o nome do jornal:

Tinha um Bar na zona Boêmia de Juiz de Fora, que existia na rua Henrique Vaz, que era o “Bar Brazi”l, com “z”. E era um bar que a gente frequentava, muitos aqui da universidade, porque era o único bar da cidade que tinha uma *jukebox*, aquela maquininha que você enfia a moeda, escolhe a música e tal. E a gente ficava ali, tomando cerveja e ouvindo musica. E aí pegou o “Bar Brazil”, ainda colocando com subtítulo, “Bar Brazil” com Z de Zorro. Uma provocação mesmo, uma forma de você se apresentar como contestador. Não é Brazil com “s”, é Brasil com “z”, de um bar de zona. Provocação mesmo. E é um negocio muito eclético. Por que o “Bar Brazil” tinha poemas, tinha contos, tinha ensaio, tinha artigo rigorosamente de jornal, tinha ilustração, tinha cartum... Uma coisa bem eclética. (PROCÓPIO, 2014)

Com uma publicação bimestral, o “Bar Brazil” teve três números: junho/julho de 1976, agosto/setembro de 1976, e 1977. A diagramação dos três jornais foi feita por Jorge Sanglard. As páginas são compostas por duas colunas, que possuem texto, ilustrações ou fotografias. Todas as edições tiveram 24 páginas.

Foram 8 colaboradores fixos, José Henrique da Cruz, Jorge Sanglard, Gilvan Procópio, Márcio Gomes, Maria José Féres, Luiz Guilherme Peixoto, Luiz Carlos Borges e Décio Lopes, o editor de todos os números; e cerca de 18 colaboradores que se alternavam. No expediente, o “Bar Brazil” é definido como “uma publicação experimental de caráter cultural editada pela entidade autônoma Centro de Cultura do DCE da UFJF”. (EXPEDIENTE, 1976, p.1)

O músico Márcio Gomes, um dos estudantes que na época colaboraram com o jornal, comenta que, para ele, a principal função do jornal era fazer crítica, mas as críticas acabavam estando inseridas dentro dos contos, poesias, matérias e textos de música. “Mas era sempre uma postura, que era o normal da época, de denunciar, de criticar. Era época da ditadura, o jornal era um canal de postura crítica contra o status quo que tinha na época.” (GOMES, 2014) Gilvan Procópio completa ao dizer que o “Bar Brazil” era “marginal no sentido de nós sermos a margem de corrente política dominante” (PROCÓPIO, 2014).

Além disso, podemos observar que o “Bar Brazil” possuía algumas características da literatura marginal da época. O processo de produção de jornal, que também entra no conceito de jornal alternativo. Eram os próprios alunos que, juntos ao DCE, produziam suas obras, intelectualmente e manualmente, e distribuíam pelas ruas da cidade.

O “Bar Brazil” circulou por Juiz de Fora e por todo o território nacional através de uma rede de imprensa independente, de imprensa marginal, onde jornais alternativos de todo o Brasil eram trocados. Jorge Sanglard, um dos colaboradores do jornal, comenta: “Nós criamos um sistema em que a gente mandava o jornal pra todos os estados do Brasil, a

inúmeras cidades onde inúmeros grupos já faziam jornais independentes.” (SANGLARD, 2014).

A tiragem do jornal era de cerca de 1500 exemplares. O “Bar Brazil” era vendido por um preço simbólico, mas a principal intenção era mesmo distribuí-lo para todos. Quem não tivesse dinheiro, acabava ganhando. Flávio Cheker, comenta sobre como o “Bar Brazil” era distribuído:

Eram distribuídos no ICHL (na Universidade, de modo geral, basicamente centrado lá. Mas também no calçadão, nas ruas, tinha distribuição. Eu me lembro mais do folheto da Poesia, mas isso era enviado na época, não sei, acho que o Sanglard enviava isso para outros diretórios, até para a grande imprensa também, para outros órgãos de imprensa. O jornalzinho circulava, o “Bar Brazil” circulou um bocado. Foi enviado por mala postal para muita gente, para outros correspondentes, outras pessoas que faziam esse movimento da Poesia em outras partes do Brasil e tal. (CHEKER, 2014)

Todo o material que o “Bar Brazil” recebia era submetido ao conselho de redação, que escolhia o que seria ou não publicado. Segundo Gilvan Procópio, o conselho era criterioso, mas os únicos critérios eram a qualidade de texto e o teor político. “Material não faltava, a gente recebia muito mais material do que era capaz de publicar, não dava conta. Eu acho que nunca existiu tanto poeta em Juiz de Fora como naquela época.” (PROCÓPIO, 2014).

A Análise de conteúdo

A Análise de Conteúdo foi o método que consideramos mais adequado para analisarmos o conteúdo das três edições do “Bar Brazil”. Esta é uma metodologia que pode ser aplicada principalmente no campo das Ciências Sociais, onde se inclui a Comunicação. O objetivo principal desse conjunto de métodos é buscar o que está oculto no texto que será analisado, decodificando a mensagem, para melhor entendimento do conteúdo. Laurence Bardin define a análise de discurso como

“um conjunto de instrumentos metodológicos, que se aplica a 'discursos' (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fato comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas — desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até à extração de estruturas traduzíveis em modelos - é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objectividade e da fecundidade da subjectividade.” (BARDIN, 2011, p. 15)

Esse método pode ser aplicado em diferentes fontes de dados, como material jornalístico, discursos políticos, cartas, publicidades, romances, relatórios oficiais, entrevistas, etc. A análise de conteúdo tem como principal foco o desvendar crítico, utilizando métodos quantitativos e qualitativos. A análise de conteúdo, segundo Bardin, é composta por três etapas: pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise é a organização do que será analisado e como será sistematizado as ideias iniciais, “de maneira a conduzir um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (BARDIN, 2011, p.125). Nessa primeira etapa, ocorre a leitura flutuante dos documentos e será selecionado o que será avaliado. Um material propício a ser analisado deve seguir algumas regras: a regra da exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Logo, é formulada a hipótese e os objetivos da pesquisa. Uma hipótese é “uma suposição cuja origem é a intuição e que permanece em suspenso enquanto não for submetida a provas de dados seguros” (BARDIN, 2011, p.128), ou seja, é uma suposição e buscamos comprovar por meio de alguma metodologia que nossa pressuposição está correta ou não. Depois, é realizada a referenciação dos índices e a elaboração dos indicadores. Um índice poderá ser a menção de algum tema na mensagem, e a frequência de um determinado indicador poderá comprovar esse índice. Para finalizar essa etapa, preparamos o material para a análise.

A segunda etapa é a exploração do material, a parte mais longa. Bardin explica que a fase consiste em operações de codificação, onde ocorre a transformação dos dados brutos do texto por meio de recorte, agregação e enumeração, que permite atingirmos “uma representação do conteúdo e de sua expressão” (BARDIN, 2011, p.133). Assim, há uma unidade de registro e uma unidade de contexto, respectivamente, por exemplo, a palavra para a frase, o tema para o parágrafo. Após isso, fazemos a categorização e é criada uma tabela de análise de conteúdo.

A terceira e última etapa, é o tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação. É realizado a síntese e seleção de resultados (quantitativa) e as inferências e a interpretação final do objeto de estudo (qualitativa).

Analisando o conteúdo do “Bar Brazil”

Para nossa pesquisa, enquadrámos as matérias em forma de texto do “Bar Brazil” em quatro categorias de gêneros: ficção, críticas, entrevistas/cartas e informação, para

termos uma visão geral sobre qual o conteúdo mais frequente no impresso. É importante salientar que este trabalho busca apenas analisar o conteúdo escrito do jornal, excluindo todo o material expresso de ilustrações, fotografias e charges que também compõe o “Bar Brazil”.

Assim, ao dividirmos os 38 tipos de textos presentes nos três jornais, obtivemos o seguinte resultado: 20 textos de ficção, onde se enquadram poemas e contos; 12 críticas, sociais, cinematográficas e literárias; três entrevistas/ cartas e três textos informativos/factuais.

Paralelo a isso, buscamos os principais temas recorrentes no impresso, agrupadas nas categorias músicas, livros, política, histórias, histórias e poemas de ficção e memória. A partir dessas categorias iniciais, desenvolvemos subcategorias que observamos em nossa leitura flutuante. São elas: Na música: discussão sobre rock, valorização da MPB, exaltação da música nacional e rejeição da música internacional; nos Livros: referência a literatura marginal, alusão aos autores nacionais, descaso das editoras, importância da literatura, sociedade do consumo/domínio do capitalismo e da indústria cultural no mercado brasileiro, contracultura/busca da liberdade, sociedade alienada, nacionalismo; na Política: ditadura, domínio do patrão sobre o empregado/luta de classes ou repressão de outro tipo, como a escravatura. Histórias e poemas de ficção e Memória não possuem subcategorias.

Assim, destacamos em todas as categorias o grande número de textos que valorizaram a cultura nacional. Na música, as oito citações das subcategorias se relacionaram com essa busca da valorização nacional e, nos livros, são quatro citações. No cinema, encontramos apenas um texto que destaca a cultura da América Latina.

Em decorrência da limitação do número de páginas desse artigo, iremos nos focar em um dos temas mais recorrentes nas edições do impresso, a valorização da música nacional e a rejeição da internacional.

Os colaboradores do “Bar Brazil” são nacionalistas exacerbados e renunciam a toda cultura não local e considerada de massa. De todo o conteúdo do jornal, apenas duas críticas cinematográficas, falam sobre uma temática internacional. As outras matérias criticam a produção do rock, jazz, e outros estilos, por considerarem fora a realidade brasileira.

Destacamos a entrevista de Sérgio Cabral concedida ao “Bar Brazil” em sua primeira edição. Na entrevista, Cabral “acusa” Tárík de Souza, Ana Maria Bahiana e outros intelectuais de promoverem shows de rock e escreverem na “Revista do Rock”, fazendo

assim apologia ao gênero musical. O jornalista desvaloriza completamente o estilo e a música internacional que, para ele, é a música norte-americana

A música estrangeira é um inimigo muito forte. Então, nós temos, para combatê-la, ser fortes também. [...] Quais as forças que nós temos para combater a música estrangeira, A música brasileira, de Noel Rosa a Milton Nascimento. Devemos usar de todos os meios, sem preconceito, pra não ser colônia cultural (CABRAL, 1976, p.19)

Podemos perceber que ao mesmo tempo, há a valorização da música nacional, sendo ela a grande salvadora da pátria. Sérgio Cabral oferece em sua entrevista grande destaque à MPB, a cantores como Chico Buarque e Noel Rosa, destaca o Tropicalismo e critica a censura.

Alguns desses intelectuais tiveram o direito de resposta no jornal às palavras promovidas por Sérgio Cabral, através da publicação de suas cartas enviadas a redação do “Bar Brazil” na íntegra. Na edição dois do jornal foram publicada duas cartas de Tárík de Souza e Ana Maria Bahiana, em resposta às “acusações” de Sérgio Cabral. Tárík afirma:

Nunca estive na revista do Rock, mas sim na publicação Rock, a história e a glória”, que é outra, a qual já me desliguei a quatro meses. Continuo defendendo, no entanto, os pontos de vista que nortearam a sua criação: documentar e discutir a entrada (e a influência) no rock no mercado brasileiro e fornecer alternativas de informação de outros setores musicais a um público diariamente abarrotado pela TV e rádio, de cultura importada (SOUZA, 1976, p.8).

Ana Maria Bahiana também se protege, afirmando:

Não fui eu que inventei o rock, nunca fiz um disco de rock. Nunca trabalhei em gravadora alguma multinacional... [...] Em resumo: quem trouxe o rock para o Brasil não fui eu, nem Tarik de Souza, nem Julio Hungria, nem Nelson Motta. Meu trabalho é trabalho de jornalista; olho, investigo, verifico, tento analisar. (BAHIANA, 1976, p.8)

Para finalizar esse debate em torno da música, o colaborador do “Bar Brazil”, Márcio Gomes, escreve criticando a carta de Tarik de Souza, mas destaca que não está defendendo Sérgio Cabral, apenas fazendo uma análise sobre a crítica musical:

Achamos, por isso, que a existência de um órgão de escrita que dedicasse altíssimas porcentagens de suas páginas a uma documentação do rock estaria fazendo algo mais que uma simples documentação. Traria como consequência mais imediata e direta a aceitação de gênero em questão e de todos os valores da sociedade que nos vendeu-o, ou melhor, aqueles que ela nos procura impor (GOMES, 1976, p.9).

Percebemos então que há grande destaque do jornal para a valorização da música nacional. Márcio Gomes é o colaborador que melhor representa esse nacionalismo musical, escrevendo críticas sobre a importância da cultura nacional não ser influenciada pela

música do exterior, principalmente a norte-americana. Ele acredita que qualquer descrição, crítica ou análise do rock seria uma motivação para que músicos fossem influenciados a tocarem o estilo musical.

Nessa mesma linha de pensamento, Márcio Gomes critica na primeira edição do “Bar Brazil”, a rede de televisão Globo, por prestar uma suposta homenagem ao compositor “Lupiscínio Rodrigues”. Para Gomes, o programa de televisão não conseguiu transmitir a essência do músico, transformando suas músicas tradicionais e nacionais em “improvisações jazzísticas de Rildo Hora com sua estridente gaita sobre o tema ‘esses moços’; a tentativa de Elza Soares de transpor Lupiscínio para um cabaré norte-americano da década de 40” (GOMES, 1976, pág. 21).

Na terceira edição, em “Perigo! Música popular a vista”, Gomes destaca episódios de gravadoras e agências de publicidade que divulgaram a música popular, algumas com vestígios de valores rurais. Porém não deixa de atacar o rock, e os estilos influenciados pela música internacional: “.... passou a consumir o samba de qualidade, aquele que não traz nenhum resquício da bossa nova (vade retro) ou ‘sambajazz’, para usar a expressão de Lúcio Rangel” (GOMES, 1977, p. 9).

Por fim, o crítico explica ao leitor de seus textos o porquê de sua rejeição ao internacional:

O motivo é muito simples. Ao contrário do que afirmam alguns, a música é produto de uma realidade social, determinada pelo homem como agente histórico que é. Não surge espontaneamente e nem a partir de sentimentos abstratos advindos de um subjetivismo que existia por si só. A arte se calca de dados objetivos e concretos, recria a realidade e só a partir disso se fundamenta e existe. (GOMES, 1977, p.9)

Ou seja, para Márcio Gomes, a música deve se calcar na realidade local, em nossa história e nossos problemas. Ao migrar músicas do exterior, ao fazer rock ou bossa nova, estaríamos ignorando nossas próprias tradições.

Considerações Finais

A pesquisa realizada neste artigo buscou analisar como se deu a implantação do jornal “Bar Brazil” em Juiz de Fora e quais as representações do jornal no meio cultural e impresso da cidade. Foi analisado o conteúdo do jornal, buscando as principais temáticas desenvolvidas pelo impresso. Mesmo possuindo apenas três edições publicadas, o jornal apresentava um conteúdo cultural e artístico diferenciado das outras publicações da cidade,

que ainda não apresentavam esse teor crítico e essa visão política que esse jornal ofereceu aos seus leitores.

O “Bar Brazil” utilizou-se da arte, seja literária ou ilustrativa, e do jornalismo para expressar esses temas que ainda não podiam ser expostos claramente, mesmo com a abertura política gradual que ocorria no fim dos anos 1970. A singularidade do impresso se estabelece nesse ponto, pois o jornal apresentava críticas em diversos formatos e gêneros, incluindo sempre o conteúdo político na arte.

Como nosso trabalho destacou, uma das principais temáticas desenvolvidas no jornal era sobre valorização da cultura nacional, em todos os âmbitos. Essa valorização é diferente daquela estabelecida pelo governo militar, e seu slogan “Brasil, ame-o ou deixe-o”, e mais tributárias as concepções do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

As discussões travadas sobre a cultura brasileira em todo o território, sobre música e valorização nacional, acabaram sendo destaque também no “Bar Brazil”, um jornal local que sempre estava observando o todo. A rejeição do rock, por exemplo, é algo que vemos nacionalmente no Brasil dos anos 1970. Não só desse estilo, a música se fragmentou e surgiram divergências entre o Tropicalismo, o Bossa Nova, a MPB, etc.

Outra característica importante do “Bar Brazil” é que sua produção ocorreu através de uma geração que foi fundamental para o processo de sedimentação cultural da cidade. Os colaboradores do jornal são hoje jornalistas, músicos, professores, autores e artistas renomados, que ainda contribuem para o crescimento cultural de Juiz e Fora. O “Movimento Poesia” e, conseqüentemente, o “Bar Brazil” foi o início de suas caminhadas, o espaço que tiveram para expressar suas primeiras produções e pensamentos. Esta geração estudantil dos anos 1970 foi extremamente relevante nos movimentos de literatura, audiovisual e defesa do patrimônio do período seguinte. Hoje, muitos dos colaboradores do “Bar Brazil” são escritores, professores e jornalistas renomados, como José Eustáquio Romão, Jaime Pinsky, Gilvan Procópio Ribeiro, Eduardo Arbex, entre outros.

O “Bar Brazil” se estabelece assim no período dos anos 1970 em Juiz de Fora como um jornal alternativo que se diferencia por seu comportamento marginal. Apesar do caráter extremamente artesanal, o “Bar Brazil” conseguiu congrega essa juventude que apostava na volta do regime democrático e que utilizou a cultura como forma de resistência à ditadura.

Referências bibliográficas

- BAHIANA, Ana Maria. **Música: Um tema em debate – Cartas**. Bar Brazil, Juiz de Fora, nº 2, ano 1, agosto/setembro de 1976
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011
- CABRAL, Sérgio. **Bar Brazil entrevista: Sérgio Cabral**. Bar Brazil, Juiz de Fora, nº 1, ano 1, junho/julho de 1976
- GOMES, Márcio. **Entrevista** concedida a autora em 16 de junho de 2014
- GOMES, Márcio. **O Rock e o empiriocriticismo**. Bar Brazil, Juiz de Fora, nº 2, ano 1, agosto/setembro de 1976
- GOMES, Márcio. **Perigo! Música popular a vista**. Bar Brazil, Juiz de Fora, nº 3, ano 2, agosto/setembro de 1976
- HOLLANDA, H. H. O. B. Z **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde (1960/70)**. 4. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004. 240p .
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários. Nos tempos da imprensa alternativa**. 2ª edição revisada e ampliada. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 2003
- LACERDA, Gislene. **As esquerdas entre os estudantes: memórias dos militantes estudantis juizforano durante a transição democrática brasileira (1974-1984)**. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.
- MÜLLER, Angélica. **O papel dos jornais estudantis na resistência à ditadura militar durante os anos de chumbo**. Disponível em <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/viewFile/5/3>> Acesso: 01 de julho de 2015.
- MICCOLIS, Leila (org.). **Catálogo de imprensa alternativa**. Rio de Janeiro: Centro de imprensa alternativa e cultura popular/Rio Arte, 1986.
- PELLICCIOTTA, M. M. B. **Uma aventura política: As movimentações estudantis dos anos 70. Dissertação**. – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, **Imprensa Alternativa: apogeu, queda e novos caminhos...** Cadernos da Comunicação: série Memória, Secretaria especial de comunicação social, 2005, 80 p.
- PROCÓPIO, Gilvan. **Entrevista** concedida a autora no dia 18 de dezembro de 2014.
- PROCÓPIO, Gilvan. A poesia em movimento. In: SANGLARD, Jorge (Org.). **Poesia em Movimento: antologia**. Juiz de Fora. EDUFJF, 2002, 224 p.
- SOUZA, Tárík. **Música: Um tema em debate – Cartas**. Bar Brazil, Juiz de Fora, nº 2, ano 1, agosto/setembro de 1976